

Relatos e Relíquias: lembranças do cotidiano

VALÉRIA L. FILGUEIRAS

As décadas que se sucederam a 1970 foram de mudanças no município de Rondonópolis. Como parte de um projeto de integração econômica do Brasil, fazendeiros e grupos econômicos se beneficiaram com programas de modernização agrícola. Nesse processo ocorreu à disputa por terras, a aglutinação de antigos lotes coloniais, e um alto índice de urbanização. Porém, para os lavradores¹ estas mudanças foram percebidas no cotidiano, no concreto, no miúdo.

Para um lavrador a terra é o esteio de sua vida. Trabalhar a terra é tornar o que é inculto em culto, a terra mata em terra de lavoura, a lavoura colhida em mantimento. Este trabalho requer inúmeros conhecimentos e saberes. Conhecimentos que são passados de geração a geração através da tradição oral entre os lavradores e saber que também é prática. Quando perguntei ao Sr. Adecerino porque as palhas usadas para cobrir as casas que eles construíam eram cortadas sempre na lua minguante ele me respondeu: “então ocê ia escolhendo as fase da lua, porque a lua ajudava muito, o povo falava isso. Os mais antigos que era os nossos pais, os mais véio falava assim pra nós, né. Então nós fazia isso também”².

A geração³ aqui tomada como uma sucessão de faixas etárias, constitui para o entrevistado o elo de continuidade entre saber e prática que envolvia o processo de cobertura das casas, visto que as palhas cortadas neste período demoravam mais tempo para apodrecer e serem trocadas. Contudo, a geração também é o parâmetro utilizado para demarcar as mudanças de outros saberes e novas práticas.

As mudanças também são percebidas pelos depoentes ao longo de suas vidas, tendo como indicador a sucessão de suas próprias faixas etárias. Assim, é que muitos falam do “tempo que eu me entendia por gente”, ou ainda, “quando eu já era homem feito”.

Para os lavradores que se dedicaram a produzir culturas tradicionais, o trabalho despendido a pequena lavoura *tocada a braço*, na enxada, sem financiamento, nem

sempre permitia a sobrevivência da família. Assim, não era apenas o alimento que estava ameaçado. Mas dentro da lógica de ser lavrador o não poder prover o sustento, tornava o pai de família incapaz. Pois, é a combinação produção para o consumo que identifica o lavrador. Não se trata de uma economia de subsistência em que apenas o que sobra era destinado ao comércio. Mas, de uma economia de excedente como tão bem soube apresentar José de Souza Martins ao estudar os camponeses em áreas de fronteira. Neste tipo de economia o excedente já aparece como tal.

“O excedente não é o resto ou a sobra. Trata-se de uma economia de excedentes porque o raciocínio que preside a organização da produção, isto é, o que plantar e sobretudo quanto plantar e até onde plantar está organizado a partir da idéia de que do que se planta uma parte deveria destinar-se primeiramente a subsistência da família do produtor e um excedente deveria ser produzido para troca ou comércio”.⁴

Nesta perspectiva, podemos analisar o relato do Sr Adecerino quando este descrevendo a escassez de mobília e forma de moradia, expressa o padrão de vida de um lavrador.

Não, não nós num tem vergonha de contá, não. Se eu passei... eu vou falá que eu já tive, que eu já fui rico. Não vou falá o que nunca fui, a minha vida era trabalhá. Trabalhar pra comê, e vivê, né. Porque a única coisa que eu fazia era pra comê, né. Num sobrava assim pra fazer mais coisas, assim não. A vida era essa mesma, eu vou falar que eu tinha, não, pois se eu num tinha. Tinha muita fartura. Foi o que eu agradeço muito a Deus, que esse tempo tudo foi o que eu passei um ano, um ano e pouco de necessidade assim que era o que faltava as coisas, mas o resto desses outros, não. Era fartura. A gente num tinha nada, num tinha... Num tinha móveis, num tinha nada, mas ocê olhava no terreiro era cheio de frango, porco era aquele faturão, ocê olhava, ocê ia lá naquela cozininha, assim de feia, tava cheio de lata de banha, acabava, aquela banha ocê tinha porco para matá. É aquela fartura pra... tuia saco de arroz, tuia de arroz, feijão, paiol de milho.⁵

Para os lavradores como o Sr Adecerino o sucesso de seu trabalho está em ter alimentos com *fartura*. A riqueza representada em melhorias na moradia e aquisição de mobiliário não pertencia ao ideário destes lavradores. Ser rico é ter alimentos em abundância, que possam prover a família em tempos de colheitas difíceis, para que a *necessidade*, a *falta de coisas* tão temida não os ameaçasse. E neste sistema de “plantar, colher, comer”, o religioso não é esquecido, pois, se é trabalhando na terra que se consegue o arrimo, é com a *graça de Deus* que chegam as chuvas no tempo certo, fundamentais para a obtenção de uma boa colheita.

Mais do que lembranças estes lavradores trazem consigo as marcas de um elo familiar com o passado. Sendo poucos os objetos que conseguiam adquirir, são muitos o que tornaram-se relíquias de famílias. Assim é que podemos entender a fala de D. Elvira que lembra com saudades de seu cotidiano ao dizer com orgulho do esmero com que cuidou de suas panelas e alimentou seus filhos.

Era bom, vixe, tem hora que eu tenho até saudade. Eu tenho minhas panelinhas de ferro até hoje Valéria, ali. Depois eu vou te mostrar minhas panelinhas de ferro. Você tem panela de ferro? Depois vou te mostrar minhas panelinhas de ferro. E é branquinha, eu num gostava de panela preta não. Porque tem gente que tem panela de ferro que é pretinha, né. Não, as minhas é branquinha, as meninas quando era moça... Óia minhas panelas de ferro eu quero limpinha. Ah, mãe joga isso fora. Num jogo não criei você tudinho fazendo comida aí nela, porque que eu vou jogar fora minhas panelas de ferro? O povo chega aí fica besta de olhar minhas panelas. Fala: Me vende? Vendo não, de jeito nenhum.⁶

Quando as meninas, já moças, passam a fazer o trabalho da mãe na cozinha e se deparam com panelas de ferro que exigem maiores cuidados para sua limpeza, pois é preciso esfregar com maior força o ferro do que o alumínio para lhe dar brilho, assim como é necessário secá-las ao fogo para que não enferrujem, estas não entendem porque sua mãe ainda as conserva e as usa. Porém, para D. Elvira suas panelas de ferro são valiosas e não tem preço, pois foi cozinhando nelas que alimentou toda a sua família, que criou os filhos. Sendo diariamente usadas cada vez mais se incorporaram à sua vida. O contato contínuo com o ferro lhe deu brilho e arredondou as asperezas.

Na vida de lavradores sem terra os seus bens são os objetos votados ao trabalho cotidiano. “Apetrechos de sobrevivência, opostos a terra bem de raiz, que dá sentido ao trabalho do homem do campo”⁷. Condenados a constantes mudanças em busca da terra às falas destes lavradores estão povoadas de coisas perdidas deixadas no percurso de suas vidas errantes. É o que nos remete o relato do casal Sr. Adecerino e D. Elvira - , moradores de Boa Vista, ao rememorar e descrever o que trouxeram quando vieram de Goiás para Mato Grosso.

Sr. Adecerino: Trouxe as roupas e trouxemos um pouco de vasilhas de assim de casa. Assim panela, prato, tinha pouca coisa. Então panela, prato, as roupas, e os filhos.

D. Elvira: Essas coisas miúdas. No mais era traia de cama e roupa. Precisou trazer coberta.

Sr. Adecerino: Cobertor, lençol essas coisas que nós trouxe.

D. Elvira – Acolchoado ficou tudo.

Sr. Adecerino: É os acolchoado ficou tudo, cama, tudo larguemos lá. Nessa época que nós veio pra cá, que nós morava lá, já tinha alguma coisinha, mesa, cadeira.

D. Elvira – Vendia baratinho.

Sr. Adecerino: Essas coisas assim a gente já tinha, cama, era aquela de arame.

D. Elvira – Tinha os trens bem arrumadinho, os meninos tinha berço, tinha tudo, né. Vendeu tudo pra depois vim pra cá, por isso que eu vim contrariada.

Sr. Adecerino: Mas é, a gente tinha que andá, né, a gente tem que ta casando a melhora, né. Ta num canto talvez ocê ta pensando que num ta bom, tem que caça melhora.

D. Elvira – Mas, lá nós tava bem, ah.

Sr. Nequinho: É, tava, mas é sei lá a gente queria...

D. Elvira – Acho que é a sina da gente tem que andá. Será Valéria? Acho que sim. Não pode uma coisa dessa. Acho que é.⁸

Para D. Elvira a mudança de Goiás para Mato Grosso é sina, destino ao qual sua família estava condicionada. Para o Sr. Adecerino era opção, buscando melhorar a vida ao ver no Mato Grosso a possibilidade de adquirir terra, deixaram para traz tudo o que não podiam carregar nos braços, trouxeram as coisas miúdas e os filhos. D. Elvira expressa a sua contrariedade por ter mudado e lamenta com pesar ter vendido barato o mobiliário, que tanto valor tinha para ela.

Mas, a mobilidade é condição desagregadora da memória quando no percurso da vida e dos caminhos são deixados os objetos que se constituem um elo familiar com o passado, uma experiência de vida insubstituível. Na velhice, os lavradores narram suas experiências e se orgulham em mostrar os símbolos de um tempo vivido.

Nas entrevistas que fiz a narrativa de muitos dos depoentes está cheia de objetos perdidos, que se daria tudo para poder recuperar. D. Vitelvina lembra do silhão⁹ no qual veio montada em uma mula de Januária – MG à Rondonópolis – MT e que não sabe onde ou em que momento de sua vida foi deixado para traz. Porém, mostra orgulhosa a cangalha de couro curtido, marcada a ferro quente com as iniciais do nome de seu pai, presente de casamento onde foi guardado seu enxoval.

Tendo uma vida errante e morando agora na cidade para D. Vitelvina o que lhe restou foi as suas lembranças e relíquias. Transcrevo, um trecho do depoimento de D. Vitelvina que fala do tempo em que seus móveis lhe acompanha.

Às vezes as meninas fala assim: Mãe vende esse guarda-roupa e compra um guarda-roupa bonito. Pra quê? Por que eu quero isso? Meus trem é tudo coisa antiga, meu guarda-comida é antigo tem mais de vinte oito anos minha geladeira tem uns vinte... Tem mais de 30 anos minha geladeira 32 anos nunca troquei nada e nem vou trocar.¹⁰

Para D. Vitelvina a idéia do móvel que se descarta é um desperdício desnecessário e cruel. Por isso, sua casa está cheia de móveis antigos e caixas de ferramentas, painéis de ferro, serras, foices, enxadas, fusos, cunhas, cangalhas. São pequenas coisas colecionadas e guardadas. Cada um desses objetos são preciosos, sagrados, não se vendem e nem são cedidos. Estes objetos e instrumentos conservados em armários e quartos e só excepcionalmente trazidos a público são muito mais do que museus de lembranças, pois, “as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos”¹¹. É por isso, que os velhos estão sempre repetindo: _ Não jogue nada fora, pois um dia isso pode servir para alguma coisa.

Notas

¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981, p. 07. “Lavrador será sempre considerado aqui o produtor rural através do trabalho direto, não proprietário de terras em chácaras e fazendas”. No caso específico de Rondonópolis esta categoria envolve o trabalhador rural meeiro e arrendatário.

² Relato de Adecerino Honório de Oliveira. Rondonópolis, janeiro de 2004, p. 32.

³ SIRANELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.133.”A geração, como padrão de divisão do tempo, exige vigilância e precauções. No entanto, ela é uma peça importante da engrenagem do tempo, pois no território do historiador ela pode ser objeto de história e instrumento de análise”.

⁴ MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 190.

⁵ Relato de Adecerino Honório de Oliveira. Rondonópolis, janeiro de 2004, p. 43.

⁶ Relato de Elvira Antônia de Oliveira. Rondonópolis, março de 2004, p. 49.

⁷ MARTINS, José de Souza. *op. cit.*, 1997. p. 132.

⁸ Relato de Elvira Antônia de Oliveira e Adecerino Honório de Oliveira. Rondonópolis, março de 2004, p. 47.

⁹ Tipo de sela adaptada ao uso feminino, na qual poderia se cavalgar com saia, com gancho na face anterior para facilitar o equilíbrio, e apenas um estribo à esquerda com loro curto.

¹⁰ Relato de Vitelvina Mota Barbosa. Rondonópolis, março de 2004, p. 16.

¹¹ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 23.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

SIRANELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.